

ESPORTES

FORTALECEM
COMUNIDADES



Atleta paraolímpica
redefine "capacidade"
página 7

Refugiados se adaptam à
vida americana pelo futebol
página 9

Raízes do esporte
indígena lacrosse
página 11



DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA
VOLUME 16 / NÚMERO 10
|Publicado em junho de 2012

Coordenadora, Dawn L. McCall; editor executivo, Nicholas S. Namba; diretor de Conteúdo Escrito, Michael Jay Friedman; diretora editorial, Mary T. Chunko; editora-gerente, Ashley Rainey Donahey; editora colaboradora, Mary-Katherine Ream; chefe de Produção, Michelle Farrell; designer, Dori Walker; projeto da capa, Lauren Russell

O Bureau de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica a revista eletrônica *eJournal USA*. Cada edição analisa uma grande questão enfrentada pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional e informa os leitores internacionais sobre a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições dos EUA.

Cada *eJournal* é publicada em inglês, seguida pelas versões eletrônicas em espanhol, francês, português e russo. Algumas edições também são traduzidas para o árabe, o chinês e o persa. Cada revista é catalogada por volume e por número.

As opiniões expressas em *eJournal USA* não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais, em cujo caso é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

Editor, *eJournal USA*
IIP/CD/WC
U.S. Department of State
2200 C Street, NW
Washington, DC 20522-0501
USA
E-mail: eJournalUSA@state.gov

Foto da capa: ©AP Images

SOBRE ESTA EDIÇÃO



©AP Images

Verdadeiro espírito esportivo: Meghan Vogel (à direita) carrega a competidora Arden McMath até a linha de chegada em prova de 3.200 metros, certificando-se de que Arden cruze primeiro.

Depois de ter ganho a prova de 1.600 metros uma hora antes em um evento estadual em Columbus, Ohio, Meghan Vogel estava ficando para trás na prova de 3.200 metros. Em último lugar faltando 20 metros para acabar, Meghan viu a competidora Arden McMath desabar na sua frente. Meghan ajudou Arden a ficar de pé e a carregou até a linha de chegada, certificando-se de que Arden cruzasse na sua frente.

Muitos jovens atletas sonham em se tornar superestrelas nos esportes que praticam, mas o esporte é muito mais do que ganhar muito dinheiro nas grandes ligas. Nos Estados Unidos, o esporte desempenha um grande papel na vida das comunidades. Os jogadores aprendem lições valiosas sobre disciplina, trabalho em equipe e tolerância, o que os ajuda a ter sucesso dentro e fora de campo. Esta edição de *eJournal USA* examina o papel essencial dos esportes na sociedade americana e destaca o poder do esporte para fortalecer os laços das comunidades que transcendem diferenças.

— Os editores

Espírito de equipe: a equipe Washington-Auburn da Liga Infantil pula de alegria depois de ganhar o Campeonato Regional de Northwestern da Liga Infantil. O esporte une americanos de todas as origens como jogadores e torcedores.



©AP Images

ESPORTES FORTALECEM COMUNIDADES

EJOURNAL USA, JUNHO DE 2012, VOLUME 16/NÚMERO 10

PUBLICADO PELO BUREAU DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS DO DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA

Índice



©AP Images

Fortes laços: integrantes do time de futebol feminino da Columbine High School erguem os braços em campo em Englewood, no Colorado

MINHA IMPRESSÃO

De outsider a atleta olímpica

Com a ajuda de mentores, familiares e da comunidade, Linda Miller deixou de ser uma criança arredia ao esporte para se transformar em atleta de nível mundial. [5](#) |

DESTAQUES

Atleta paraolímpica redefine “capacidade” [7](#) |

Refugiados se adaptam à vida americana pelo futebol [9](#) |

Raízes do esporte indígena lacrosse [11](#) |

A nova cara da esgrima [13](#) |

Estrela do vôlei serve à comunidade [15](#) |

A GRANDE MATÉRIA

2

O ESPORTE NA SOCIEDADE AMERICANA

Rick Telander, redator sênior de esportes do Chicago Sun-Times

A prática de esportes ajuda os americanos a superar diferenças e se unirem como pessoas — jogador com jogador — e como comunidades.

MAIS

Galeria de fotos

Grandes atletas americanos se unem a aficionados de esportes do mundo todo. [17](#) |

Trivialidades

Teste seus conhecimentos sobre esportes! [19](#) |

©AP Images



JOGAR

esporte

na

sociedade

americana

Rick Telander

É difícil imaginar um mundo sem jogos. E se você conseguir imaginar um mundo assim, não tem graça discorrer sobre essa imagem.

Há alguns anos escrevi um livro sobre um parque de asfalto no Brooklyn, em Nova York, e as crianças e os jovens adultos que o frequentavam durante o verão. Houve maus momentos, mas na maioria das vezes foram bons momentos. Os jogos de basquete mantinham os adolescentes da comunidade unidos; as crianças pequenas batiam bola e sonhavam com o futuro; os homens mais velhos arremessavam e se lembravam do passado. O título do livro é *Heaven Is a Playground [O Paraíso é um Playground]*. E dei esse título porque acho que isso é verdade. Acho que a liberdade de jogar é a maior dádiva que as pessoas têm.

COMUNIDADES E JOGOS AMERICANOS

Uma das melhores coisas sobre os Estados Unidos é o quanto os esportes e os jogos são parte integrante



Espíritos elevados: o time da Nantucket High School carrega o técnico para fora do campo depois de ganhar o campeonato em Massachusetts.



©Getty Images

do dia a dia das comunidades e dos bairros americanos. Em qualquer tarde de sábado, pessoas das mais diversas origens, profissões e religiões podem ser encontradas em campos e quadras e nos ginásios de suas escolas locais e centros comunitários, jogando futebol, futebol americano, basquete, beisebol e outros esportes, enquanto seus familiares torcem do lado de fora. A prática de esportes é há muito tempo uma das maneiras pelas quais os americanos colocam de lado suas diferenças e se unem como pessoas — jogador com jogador — e como comunidades.

Se alguma vez você já viu a maneira como um time local pode capturar a imaginação e a paixão de uma comunidade e ajudar todo mundo, de jogadores a pais e observadores, a se sentir entusiasmado, você viu uma coisa bonita de verdade.

Esse entusiasmo ocorreu em grande escala em 2009 quando o New Orleans Saints, da Liga Nacional de Futebol Americano, ganhou o Super Bowl quatro anos depois de o furacão Katrina ter inundado e destruído grande parte de Nova Orleans. De taxistas a cantores de blues da Bourbon Street, de proprietários de restaurantes a banqueiros, a marcha do Saints até o título do campeonato — a única coroa do Super Bowl na história de 45 anos do time — reuniu a população de Nova Orleans com um suspiro de alívio e um grito de alegria. *Voltamos! Estamos melhores do que nunca!*

O New Orleans Saints é um time grande e profissional, mas o mesmo tipo de ligação e entusiasmo ocorre regularmente em pequenas e grandes cidades e escolas dos Estados Unidos. Crianças do ensino fundamental da Liga Infantil de Beisebol jogam por todo o país e, invariavelmente, haverá um time improvável que começará ganhando os jogos, depois os torneios e, antes

©Getty Images



©AP Images



MCT via Getty Images



©AP Images

À esquerda: Confraternizando: grupo de adolescentes joga basquete em bairro de Suisun City, na Califórnia. No centro: Bem-vinda de volta à escola! Lois Idleman, 92 anos, torce para o time da escola de ensino médio local, os Eagles, de Joplin, no Missouri. À direita: Em jogo: Josh Warp, 8, à direita, e Ethan Bell, 6, disputam a bola em jogo de futebol em Havre, Montana.

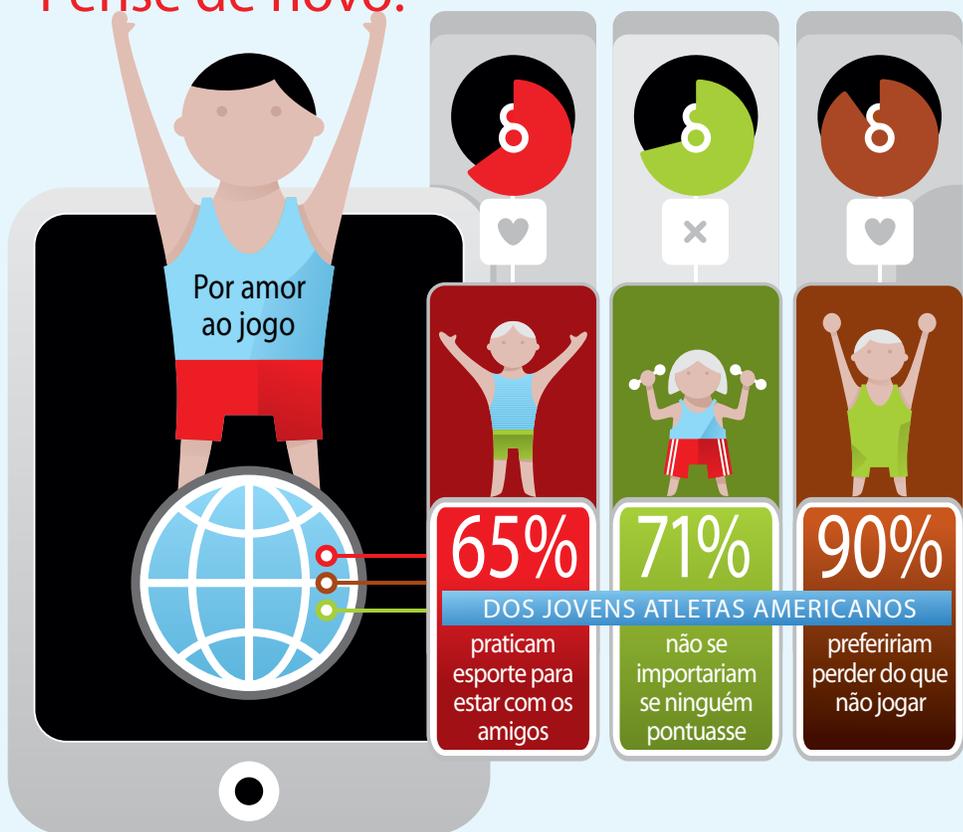
que mães e pais e irmãos saibam disso, estará a caminho do World Series da Liga Infantil de Beisebol.

O menino que morava quatro casas depois da minha no subúrbio de Chicago — um menino grandalhão e meio pateta que tomava o ônibus da escola com meus filhos — ganhou duas medalhas de ouro e uma de prata nas Olimpíadas de Pequim em 2008 e é favorito para

ganhar mais medalhas nos Jogos de Londres de 2012. Seu nome é Matt Grevers e, quando ele nadava no ensino médio, a equipe inteira de natação foi com ele para um campeonato no estado de Illinois. Sem essa oportunidade para nadar — e o apoio que recebeu de seus colegas de classe e do resto da comunidade — Matt teria sido apenas um cara magricela com pés gigantes e não um atleta olímpico e o líder que se tornou.

Acha que todos os atletas americanos só pensam em **GANHAR?**

Pense de novo!



©Shutterstock

Segundo pesquisa de 2011 com atletas americanos entre 5 e 18 anos. Fonte: Comissão de Esportes Amadores de Minnesota, Associação de Calçados Esportivos, levantamento do *USA Today*, Michigan



Acima: Herói nacional: Matt Grevers acena para torcedores depois de ganhar o campeonato masculino de natação dos EUA em 2011 nos 200 metros costas. À direita: Alegria do jogo: Michael Jordan, estrela da NBA, tinha uma cláusula especial em seu contrato que dizia que ele poderia jogar basquete de graça em qualquer momento e em qualquer lugar que quisesse.

APRENDENDO COM O ESPORTE

Nunca é demais falar sobre os benefícios resultantes do esporte na comunidade e da busca da excelência nos esportes. O mesmo pode ser dito das lições de vida ensinadas pelo esporte. Em qualquer trabalho, em qualquer arte, em qualquer forma de expressão, haverá tombos de tempos em tempos. O esporte ensina a se erguer a cada tombo.

Quando eu estava no ensino médio, nosso time de futebol americano tinha um *guard* de 84 quilos. A função dos *guards* é proteger o *quarterback* — o líder do ataque — e ele normalmente era chamado para bloquear os adversários que tinham 10, 15 até 20 quilos a mais do que ele. Ele fazia isso com grande determinação e dedicação e acabou até participando do time All-Conference, um time dos melhores jogadores do nosso distrito. Ele não era especialmente bom em nenhum outro esporte, nem mesmo exibia grande forma física para o futebol, e nunca jogou num nível mais alto. Mas eu jogava como *quarterback* e posso dizer que ele mudou a minha vida ao me mostrar — sem tentar fazer isso — como uma pessoa deve se levantar após cair, arrumar o capacete e voltar para o jogo.

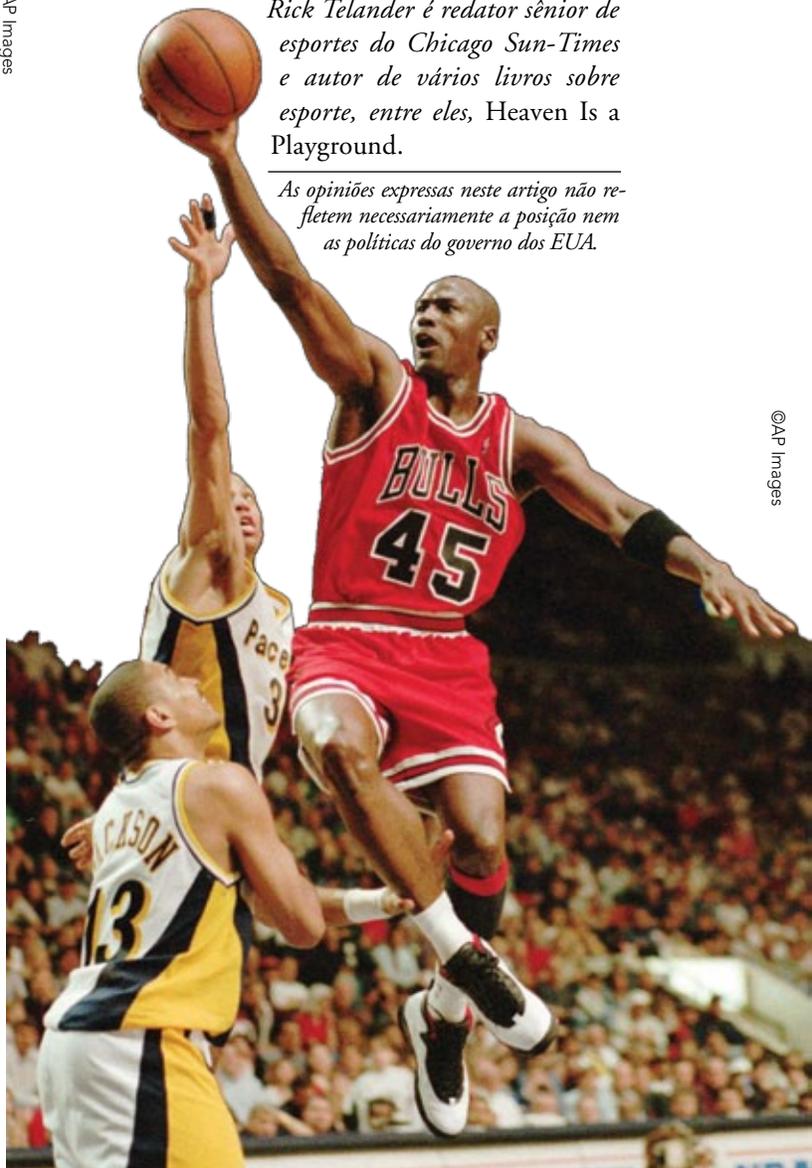
A liberdade de jogar é a maior dádiva que as pessoas têm.

Mas resiliência e determinação não são os únicos benefícios da prática de esportes. O grande jogador de basquete Michael Jordan tinha uma cláusula bastante incomum em seu contrato com o Chicago Bulls. Era a cláusula “alegria do jogo”. Dizia que, ao contrário de muitos grandes jogadores profissionais, ele poderia jogar basquete de graça em qualquer momento e em qualquer lugar que quisesse — apenas pela alegria de jogar.

Praticar um esporte pode fazer qualquer pessoa sentir a mesma alegria de Michael Jordan — conseguindo ou não enterrar uma bola de basquete. Quando as regras são seguidas e o espírito do jogo é mantido, jogadores e espectadores se tornam uma coisa só. E é assim que o esporte transcende as diferenças e fortalece comunidades. ■

Rick Telander é redator sênior de esportes do Chicago Sun-Times e autor de vários livros sobre esporte, entre eles, Heaven Is a Playground.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.



©AP Images

©AP Images

De *outsider* a atleta olímpica

Linda Miller



REALIZAR

Acima: Aqui vamos nós! Membros da equipe olímpica dos EUA desfilam na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2000 em Sydney — com Linda Miller entre eles. **Direita:** Todos os olhos sobre nós: multidão se junta para assistir à competição da equipe feminina de remo da Faculdade de Trinity.

Quando eu era criança, esporte não era meu forte. Atormentada pela asma que frequentemente me mandava para o pronto-socorro, eu sentava na arquibancada durante a aula de ginástica — com atestado médico de justificativa. Meus pedidos para praticar esportes com os amigos eram respondidos com um “Não” compreensivo porém definitivo da minha mãe. Era claro que eu não estava destinada a competir nas Olimpíadas contra as melhores atletas do mundo.

Mesmo assim, de alguma forma, eu cheguei lá.

A asma foi só o primeiro de muitos obstáculos que tive de superar na minha jornada olímpica. Os limites que os outros definem para você perdem a importância em comparação com os que você mesmo se impõe. A falta de confiança pode ser devastadora, especialmente em esportes nos quais o dia a dia é uma competição com vencedores e perdedores. Uma queda — período prolongado de desempenho



©AP Images

abaixo de sua melhor forma — pode causar estragos em seu estado de espírito. Você tem de superar a falta de confiança para realizar seus sonhos, e as pessoas que encontra ao longo do caminho podem exercer um papel fundamental na determinação do seu sucesso. Tive sorte o suficiente para ter mentores que me desafiaram a repensar meus próprios limites e uma comunidade que me apoiou tanto em casa quanto fora dela. Sem eles, nunca teria nem sequer sonhado em chegar a uma Olimpíada.

FORÇANDO O LIMITE

Minha trajetória olímpica começou em grande parte graças a Dee Campbell, meu técnico de remo do ensino médio paciente, atencioso e direto. Um dia quando eu tinha 14 anos, Campbell bateu na minha porta para apanhar a minha irmã que havia começado a remar um ano antes. Quando atendi a porta — com quase 1m80 de altura — ele me olhou nos olhos e perguntou se eu queria remar. Expliquei que não podia: tinha asma e minha mãe não deixaria. Campbell recusou-se a aceitar essa desculpa como resposta e me mostrou que caberia somente a mim definir meus próprios limites. Com a ajuda dele, consegui finalmente convencer minha mãe a me deixar remar.

Outro mentor influente foi a minha técnica da equipe de remo na Universidade de Washington, Jan Harville. Em um verão Jan veio treinar a mim e minha parceira após mudarmos de um barco de oito pessoas para um de duas pessoas apenas um mês antes do campeonato mundial. Ninguém esperava que nos saíssemos bem, já que tínhamos pouquíssima experiência em remar um barco menor. Mas Jan nos ensinou que era possível nos superar sem a pressão das altas expectativas. Ela explicou que, se nos esforçássemos ao máximo, o resultado seria uma consequência disso. Em apenas quatro semanas, aprendemos a nos concentrar em cada remada da regata, ao invés de pensar no resultado.

Não enfatizar o resultado era um conceito revolucionário para mim. Antes disso, eu acreditava que ganhar não é tudo, é a única coisa. De repente, meu foco não era em vencer, mas alcançar o meu melhor desempenho independentemente da linha de chegada. No final chegamos ao pódio com as medalhas de bronze nos nossos pescoços, o que foi algo praticamente milagroso para mim (e também surpreendeu muitas outras pessoas). Essa experiência me ensinou a ignorar as expectativas dos outros e me convenceu do poder de acreditar em si mesmo.

A FORÇA DOS NÚMEROS

O esporte também me ensinou sobre o poder da comunidade. Quando estava treinando para as Olimpíadas, eu vivia no Centro Olímpico de Treinamento em Chula Vista, na Califórnia — cerca de 3 mil km da minha cidade natal na Virgínia.



Heróis nacionais: os companheiros de equipe (a partir da esquerda) Linda Miller, Nick Peterson e Mike Porterfield posam com a camiseta de remo do ensino médio nos Jogos Olímpicos de 2000 em Sydney, na Austrália

Treinei com meninas de vários cantos do país que tinham sido convidadas para morar e treinar com a equipe olímpica dos EUA. Os dias eram longos e exigiam mais fisicamente do que a maioria das pessoas pode sequer imaginar. Tínhamos de cinco a seis horas de treino intenso por dia, seis dias por semana. Viajamos pelo mundo, competindo em países como Alemanha, Suíça, França, Bélgica

e Austrália. O treino conjunto dia após dia — em meio a lesões, doenças, tragédias familiares e exaustão física — criou um vínculo entre nós para toda a vida. A existência de um poderoso sentido de comunidade entre nós deu-nos força para continuar a avançar mesmo quando nos sentíamos sem mais energia.

E, embora eu estivesse a 3 mil km de casa, a comunidade da minha cidade natal estava comigo em todas as etapas do caminho. A minha equipe de remo do ensino médio postou com orgulho os artigos de jornal que narravam o meu sucesso. Quando o meu ex-técnico, Dee, foi entrevistado por um jornalista de um jornal nacional após eu ter ganho a prata no campeonato mundial de 1999, ele mostrou grande orgulho pelas minhas realizações. E quando conquistei um lugar na equipe dos Estados Unidos nas Olimpíadas de 2000 em Sydney, na Austrália, duas das minhas companheiras do time do ensino médio estavam ao meu lado.

Um dia tiramos uma fotografia com a camiseta do ensino médio no meio da Vila Olímpica. Embora estivéssemos a milhares de quilômetros de casa, a comunidade que nos estimulou desde o início estava conosco. Todos os meus mentores, companheiros de equipe e vizinhos cujo apoio me ajudou ter coragem de dar as primeiras remadas, colete salva-vidas à mão, e continuar lutando rumo às Olimpíadas, participaram da equipe olímpica daquele ano tanto como se tivessem usado o uniforme. ■

Linda Miller, de Washington, competiu com a equipe feminina de remo dos EUA nas Olimpíadas de Verão de 2000 em Sydney, na Austrália.

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Saiba das últimas notícias sobre o Comitê Olímpico dos EUA no site:

TeamUSA.org



Linda Miller com a filha Eliza e o filho Luke.

SCOUT BASSETT: desafiando as adversidades, redefinindo capacidade

A corredora Scout Bassett levanta-se todas as manhãs às 4h30. Treina até às 8h, vai para o trabalho e depois treina durante mais duas horas.

“Quando estou treinando e competindo não me sinto deficiente. Tudo que sinto é a liberdade de poder me movimentar”, disse.

Ela está treinando para competir nas pistas de corrida das Paraolimpíadas de Londres 2012: os jogos olímpicos para atletas com deficiências físicas ou intelectuais.

INÍCIO DIFÍCIL

Nascida na China, Scout Bassett perdeu a perna direita em um incêndio antes de seu primeiro aniversário. Logo após o acidente, foi abandonada do lado de fora de um orfanato.

“Os sete anos que vivi no orfanato foram extremamente dolorosos e difíceis”, recorda-se. “Não me lembro de ter saído uma única vez em sete anos.”

Novos ares chegaram em 1994, quando o casal americano Susi e Joe Bassett, de Harbor Springs, Michigan, visitou o orfanato. Os Bassetts chegaram para buscar uma bebezinha que haviam adotado, mas antes de levá-la para casa decidiram visitar outros cômodos do orfanato.

Em uma sala, 20 crianças se reuniam em torno de uma mesa para comer um lanche, mas duas em especial atraíram a atenção do casal. Um menininho cantou uma música para o casal enquanto outra menina, Scout, olhava em silêncio para eles. Em um ano as três crianças se tornaram membros da família Bassett.

“Eu não sabia que ela não tinha uma perna porque estava sentada à mesa”, disse Susi Bassett em entrevista à Fundação de Atletas com Deficiência, organização que prepara pessoas com deficiências para se tornarem ativas. “Mas eu disse: ‘Bem, mais uma razão para ela precisar de mim.’”

REDEFININDO A PALAVRA ‘CAPAZ’

Scout diz que a beleza do esporte é sua capacidade de unir pessoas de todas as origens em torno de uma finalidade comum. O esporte ajudou-a a superar as barreiras da cultura e do idioma com seus colegas de escola americanos.

A princípio, contudo, ela passava muito tempo no banco. Enquanto treinava com as equipes de softball, basquete e futebol de sua escola do ensino fundamental, raramente participava dos jogos.

“Logo descobri que o esporte só parecia aumentar a minha deficiência”, disse ela. Mas ser posta de lado “ensinou-me a jamais permitir que palavras ou ações de outros ditassem meus limites”.

Aos 14 anos, Scout Bassett recebeu uma prótese de perna projetada para praticar esportes. Imediatamente começou a competir nas pistas de corrida. Embora tenha perdido a primeira corrida, ficou entusiasmada com as possibilidades.

Acima: Redefinindo a palavra “capaz”: Scout Bassett, triatleta amputada, relaxa por um momento no campus da Universidade do Sul da Califórnia. Abaixo: Seguindo o fluxo: Scout Bassett nada sem a prótese e quase nunca menos de 800 metros a cada vez.



Alison Hewitt/UCLA Today





Acima: Ajuda para superação: Scout perdeu uma perna em acidente na infância, mas agora tem quatro próteses: uma perna de uso diário para caminhar, uma para corrida, outra própria para velocista e mais outra para andar de bicicleta. À esquerda: Parada rápida: a triatleta Scout troca a perna para caminhar por outra para andar de bicicleta.



Alison Hewitt/UCLA Today

“Nunca foi uma questão de vencer ou fazer um tempo espetacular. Provei a mim mesma que podia superar meus temores e dúvidas”, declarou.

Scout Bassett descobriu a Fundação dos Atletas com Deficiência (CAF), organização que dá oportunidade a pessoas com deficiências físicas a buscar um estilo de vida ativo.

Por meio da CAF, ela recebeu apoio financeiro e emocional e treinamento para competir em corridas. Desde que ingressou na organização, recebeu medalhas nas quatro últimas edições do campeonato mundial de paratriatlo. Ela também é voluntária como porta-voz da organização.

“Espero que meu o envolvimento com a CAF possibilite que portadores de deficiência lutem por seus sonhos e ajude a mudar a percepção das pessoas sobre o que significa ser ‘capaz’”, afirmou. “Posso ter perdido uma

perna, mas não a coragem ou a vontade de continuar a redefinir minha capacidade.”

RETORNO COMO CAMPEÃ

Scout agora tem quatro próteses de perna: uma perna de uso diário para caminhar, uma para corrida, outra própria para velocista e mais outra para andar de bicicleta. As diferentes próteses ajudaram Scout a completar inúmeros triatlos, inclusive o Campeonato Mundial Paralímpico de 2011, que a levou de volta à China pela primeira vez em 16 anos.

Voltar a seu país de origem como atleta de elite foi uma experiência emocionante para ela.

“Durante a corrida, fui incentivada e entusiasmada pelas aclamações da multidão e de fãs que foram assistir”, comentou. Ao se aproximar da linha de chegada, Scout começou a chorar de tanto orgulho e satisfação. “Naquele momento, não pude acreditar que um dia fui órfã e agora estava a ponto de receber uma medalha de campeã mundial.” ■

— Mary-Katherine Ream

Veja a história inspiradora de Scout!
<http://goo.gl/JcVmO>



FAMÍLIA DE REFUGIADOS:

lar no campo de futebol

Luma Mufleh estava dirigindo até a mercearia quando o destino interveio. Ao errar o trajeto, ela se viu no estacionamento de um complexo de apartamentos em Clarkston, na Geórgia.

“Vi aqueles meninos jogando futebol e isso me lembrou minha casa, lembrou-me de como cresci jogando futebol nas ruas da Jordânia”, disse Luma.

Quando parou para olhar o jogo, ela soube que os meninos eram refugiados – crianças expulsas de seu país de origem pela guerra.

Ela voltou na semana seguinte, bola de futebol em punho, e fundou a Fugees Family, organização sem fins lucrativos que aproveita o poder do futebol para ajudar crianças refugiadas (em inglês “fugees”, na forma abreviada) a se ajustar à vida nos Estados Unidos.

“Eu pretendia me envolver na vida delas como treinadora; nunca pensei que essas crianças se tornariam uma extensão da minha família”, Luma escreveu no site da organização.

DISSOLVENDO AS DIFERENÇAS

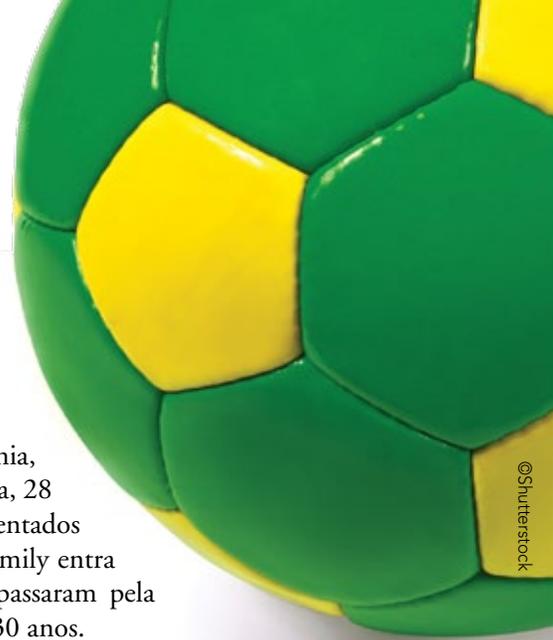
Da Birmânia à Bósnia, ao Sudão e à Somália, 28 países estão representados quando a Fugees Family entra em campo. Todos passaram pela guerra nos últimos 30 anos.

“Tenho crianças sunitas e xiitas do Afeganistão. Tenho crianças do Sudão do Norte e do Sudão do Sul. E quando comecei a formar a equipe, os meninos não se falavam”, explica Luma.

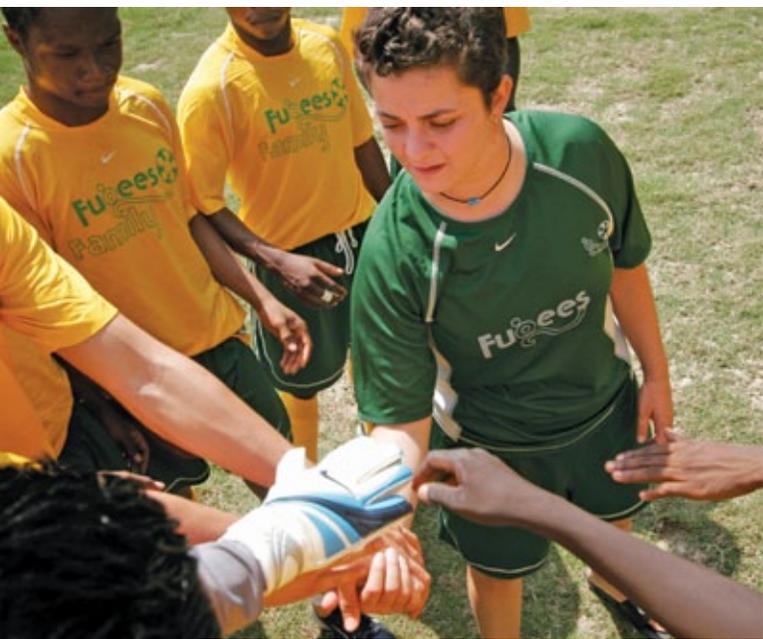
Não demorou muito para o futebol dissolver as diferenças. Para vencer, os colegas de time tiveram de trabalhar juntos e conviver.

“Todos nós adoramos esse esporte internacional que transcende fronteiras, idiomas e tudo o mais”, disse Luma.

Todos a bordo: Luma Mufleh e sua Fugees Family posam junto ao ônibus da equipe.



©Shutterstock



©AP Images



©AP Images

Acima: Vamos! Luma Mufleh incentiva as crianças refugiadas antes de um jogo de futebol em Atlanta, na Geórgia. Abaixo: Comandando o treinamento: a jordaniana-americana Luma Mufleh observa seus jogadores se preparam para um jogo. Sua equipe, a Fugees Family, consiste em jovens refugiados que vivem nos Estados Unidos.

ENCAIXANDO-SE

Com o futebol, a Fugees Family faz mais do que quebrar barreiras culturais: ela dá aos jogadores um sentido de pertencimento.

“Eles chegam a este país bem novinhos. Sentem-se isolados, como se não se encaixassem e não pertencessem a nada”, explica Luma. Com nomes diferentes e sotaques estrangeiros, as crianças refugiadas se destacam no meio dos colegas de classe americanos.

No campo de futebol, contudo, cercadas por outras crianças com nomes e sotaques similares, elas se encaixam melhor.

“Na realidade, não temos um John ou Paul ou uma Mary na nossa equipe, então tentamos celebrar nossas diferenças para que as crianças não se sintam sozinhas”, disse Luma.

Para jogar na Fugees Family, os jogadores devem concordar em frequentar sessões de orientação e prática, demonstrar bom comportamento dentro e fora do campo e falar somente em inglês.

Luma estabeleceu a regra de apenas falar inglês após ver seus jogadores lutarem com as barreiras do idioma na escola. Para alguns, praticar inglês no campo ajudou-os na escola.

Para os que precisaram de ajuda adicional, Luma criou a Academia de Refugiados, a primeira escola nos Estados Unidos dedicada exclusivamente a educar crianças refugiadas.

A Academia de Refugiados combina esporte e instrução para formar pessoas equilibradas e bem-sucedidas. Luma espera que a escola sirva como modelo para tratar das necessidades singulares das comunidades de refugiados.

Fazendo uso do futebol ou da escola, o objetivo de Luma permanece o mesmo. “Queremos ter certeza de que todos tenham acesso ao sonho americano”, afirmou.

A própria Luma acaba de realizar esse sonho. Ela tornou-se cidadã americana durante cerimônia em outubro de 2011 — quase 18 anos após sua chegada. Sua família de refugiados estava presente. ■

— Mary-Katherine Ream

Saiba mais sobre
a Fugees Family
no site:

FugeesFamily.org





©AP Images

Oren Lyons: o legado do LACROSSE

Quintal dos Estados Unidos: jovens da área de Washington juntam-se a jovens índios americanos no gramado sul da Casa Branca durante evento de 2011 em comemoração ao lacrosse e suas origens. **Abaixo, à esquerda:** Líder do lacrosse: o chefe onondaga Oren Lyons participa de reunião da equipe do Iroquois Nationals durante partida contra o Japão no Campeonato Mundial de lacrosse de 1966 em Tóquio.

Oren Lyons, membro da nação iroquês onondaga, completa 82 anos este ano — mas isso não o impedirá de participar da primeira partida de lacrosse da temporada.

“Quando se fala de lacrosse, fala-se da força vital das Seis Nações [iroquesas]. O jogo está enraizado em nossa cultura, nosso sistema, nossa vida”, disse Lyons durante palestra.

Jogar lacrosse dá aos índios americanos um modo de honrar sua herança, ao mesmo tempo que é parte de uma comunidade maior. Lyons, que entrou para o Hall da Fama do Lacrosse como goleiro em 1993, ganhou uma bolsa de estudos para frequentar a Universidade de Siracusa graças à sua habilidade nesse esporte. Agora professor emérito da Universidade Estadual de Nova York em Búfalo, Lyons continua perto do jogo como membro do conselho do time do Iroquois Nationals.

Quando jogar na primeira partida dos onondagas da temporada, será uma partida medicinal, como manda a tradição. Lyons contou que a partida é jogada “em nome de todos no mundo inteiro porque esse é nosso estilo, nosso modo de pensar”.

“ELES BATEM OS QUADRIS”

Para os membros da antiga nação onondaga, o jogo é pronunciado “guh-jee-gwah-ai”, que significa “eles batem os quadris” Quando os iroqueses jogavam, há séculos, podia haver equipes com mil jogadores em campos que se estendiam por quilômetros.

Atualmente, as partidas de lacrosse consistem em duas equipes de dez jogadores que usam tacos longos com cestas de malha para apanhar, carregar



©Shutterstock



©AP Images



Acima: Mantendo viva a tradição: membros da nação choctaw de Oklahoma jogam stickball jogo de taco tradicional precursor do lacrosse.

“Quando se fala de lacrosse, fala-se da força vital das Seis Nações [iroquesas]. O jogo está enraizado em nossa cultura, nosso sistema, nossa vida.”

e arremessar no campo uma bola pequena. Cada time marca pontos colocando a bola na rede adversária. Após quatro quartos, vence a equipe com mais pontos.

Embora o lacrosse possa parecer violento e de ritmo rápido, para os índios americanos tem fins medicinais, físicos e diplomáticos. Eles acreditam que o jogo é uma dádiva do criador a ser jogado para o criador.

JOGANDO PARA CURAR

“O próprio jogo é antes de tudo um jogo medicinal”, explicou Lyons. É jogado para curar. Qualquer um pode solicitar uma partida em seu nome ou no de outra pessoa, e “toda a comunidade se mobiliza”.

O dia do jogo é comemorado com uma festa. Tudo que será usado durante o dia do jogo — da comida à bola — precisa ser feito nesse dia. Terminados os preparativos, os jogadores se reúnem em torno de um fogo sagrado para ouvir um líder espiritual explicar quem convocou a partida e o que ela simboliza para a comunidade.

“O taco é feito de noqueira americana, então [o líder espiritual] explica a importância das árvores e o que elas acrescentam a esse jogo (...) e os cervos fornecem o couro, e ele explica importância dos animais”, disse Lyons.

Antes do início da partida, as equipes decidem se os grupos precisam fazer três, cinco ou sete gols para vencer. Depois do acordo, elas vão para o campo, deixa-se a bola cair e a partida começa.

“Nesse momento”, explicou Lyons, “todos os jogadores estão em um

espaço elevado. São seres espirituais jogando por uma autoridade e um reino muito mais elevados”.

JOGANDO PELA PAZ

Para os iroqueses, o lacrosse historicamente teve um duplo papel ao lidar com conflitos. Por um lado, o jogo preparava os homens e os rapazes para as batalhas. Por outro lado, ajudava tribos hostis a evitar a guerra ao lhes permitir resolver suas diferenças no campo de disputa.

Embora possa ter perdido seu papel histórico de prevenção de conflitos, o lacrosse continua a reunir grupos de pessoas diversificadas. Popularizado nos Estados Unidos e no Canadá pelos colonos locais, que adotaram o jogo dos iroqueses, agora o lacrosse está expandindo a torcida para países como a República Tcheca e o Japão.

Esse esporte também está gozando de apreço renovado em sua terra natal. De acordo com pesquisa realizada em 2011 sobre esportes coletivos, a participação do lacrosse nos Estados Unidos aumentou 218% nos últimos dez anos, fazendo dele o esporte que cresce mais rápido nos Estados Unidos.

Lyons está feliz por ver o alcance do lacrosse se ampliar. “Ele se baseia na paz e também na comunidade, portanto, esperemos, é esse o aspecto que prevalecerá, que ajudará a trazer paz ao mundo.” ■

— Mary-Katherine Ream

Saiba mais sobre
o lacrosse em:
USLacrosse.org





IBTIHAJ MUHAMMAD: criando uma nova fronteira para a esgrima

Quando Ibtihaj Muhammad tira sua máscara de esgrima, envia uma mensagem para as minorias de todos os lugares.

“Quero que saibam que nada deve impedi-las de alcançar seus objetivos — nem raça, nem religião, nem gênero”, disse.

Muçulmana praticante de descendência afro-americana, Ibtihaj teve de vencer muitos obstáculos para se tornar uma das melhores atletas do mundo em sabre feminino, uma disciplina da esgrima.

O mais importante desses desafios tem sido conciliar a opção de sua religião pelo recato com os costumes do esporte moderno.

SINGULARMENTE ACOLHEDOR

Os pais de Ibtihaj sempre incentivaram os filhos a praticar esportes. Acreditavam que a participação esportiva fornecia meios produtivos para que seus filhos permanecessem física e socialmente ativos.

No ensino fundamental, Ibtihaj nadava, corria e jogava voleibol. Mas para cada esporte que praticava, sua mãe tinha de lhe fazer um novo uniforme.

“Lembro o sentimento de ser diferente de meus amigos por causa dos meus trajes recatados”, disse Ibtihaj.

Um dia quando Ibtihaj e sua mãe viram meninas lutar esgrima na escola local de ensino médio, souberam imediatamente que aquele era o esporte que permitiria a Ibtihaj participar plenamente — sem um uniforme especial.

Na esgrima, esporte de combate que apresenta duelos de espadas entre duas pessoas, os competidores usam roupas de proteção da cabeça aos pés. Para Ibtihaj, o vestuário



Respire fundo: Ibtihaj Muhammad segura seu capacete momentos após derrotar sua adversária Ekateri Diatchenko, da Rússia, no Campeonato Mundial de Esgrima de 2010.



Consegui encontrar um esporte que aceita minhas crenças religiosas e meu desejo de usar *hijab*.”

exigido é o que torna o esporte “especialmente acolhedor”. Com o uniforme cobrindo o corpo todo, a esgrima permite a Ibtihaj ser adepta do islamismo sem sobressair às colegas atletas.

“O que é muito legal em relação ao meu envolvimento com a esgrima é que consegui encontrar um esporte que aceita minhas crenças religiosas e meu desejo de usar um *hijab* (véu islâmico)”, explicou ela. “Meu desejo de usar o *hijab* levou-me a um esporte que adoro, mas provavelmente nunca teria descoberto se não fosse isso.”

Embora as filiações religiosas dos atletas não sejam acompanhadas, as autoridades acreditam que Ibtihaj possivelmente seja a primeira muçulmana a representar os Estados Unidos em competições internacionais. Ela é certamente a primeira atleta muçulmana a competir pelos Estados Unidos usando um lenço cobrindo a cabeça.

LIDERANÇA PELO EXEMPLO

Ibtihaj disse que sua carreira bem-sucedida na esgrima prova que “o *hijab* não é obstáculo”.

Ela espera ilustrar esse ponto por meio de seu trabalho na Fundação Peter Westbrook, organização sem fins lucrativos de Nova York que usa a esgrima para ajudar jovens de áreas centrais carentes a desenvolver aptidões para a vida.

Ibtihaj Muhammad começou a visitar a fundação para fazer aulas de condicionamento físico e passos quando era uma jovem esgrimista. No momento é mentora de outros jovens esgrimistas — especialmente de minorias e mulheres jovens.



“Quero ser exemplo para eles de que qualquer coisa é possível com perseverança”, afirmou Ibtihaj.

TREINAMENTO PARA O SUCESSO

Quando não está trabalhando como voluntária na fundação, Ibtihaj treina 30 horas por semana no Clube de Esgrimistas em Nova York. Ela passa mais quatro horas fazendo condicionamento em Nova Jersey.

Como escreveu em seu perfil no USA Fencing, Ibtihaj acredita que a esgrima a ensinou “ter aspirações mais altas, fazer sacrifícios, trabalhar arduamente e superar derrotas”.

Além de lhe ensinar as recompensas do trabalho árduo, a esgrima forneceu-lhe oportunidades que não teria tido de outro modo.

Em 2007, Ibtihaj formou-se bacharel em Relações Internacionais e Estudos Afro-Americanos e também em Árabe, como habilitação secundária, pela Universidade Duke. Ela é esgrimista All-American da NCAA pela terceira vez, honraria conferida aos melhores atletas universitários de cada esporte.

Embora Ibtihaj já tenha recebido diversas honrarias em sua carreira de esgrimista, há uma em particular que ainda espera conseguir: quer representar os Estados Unidos na grande arena das Olimpíadas. ■

— Mary-Katherine Ream



Acima: All-American: Ibtihaj Muhammad sorri após ganhar a medalha de bronze no Campeonato Mundial de Esgrima de 2011 na Itália. Abaixo: Sorrisos vencedores: colegas da equipe americana, a partir da esquerda, Mariel Zagunis, Ibtihaj Muhammad, Dagmara Wozniak e Daria Schneider posam no pódio no Campeonato Mundial de Esgrima de 2011.

Saiba mais sobre esgrima em:
USFencing.org





Pronta para sacar: Jennifer Beltran faz uma pausa antes de sacar pela Universidade de Illinois na semifinal nacional em 2011 contra a Universidade do Sul da Califórnia.

JENNIFER BELTRAN: servindo a comunidade

Enquanto muitos estudantes universitários dos Estados Unidos procuram relaxar nas férias de primavera, Jennifer Beltran continua em atividade. Jogadora e estrela do voleibol da Universidade de Illinois, Jennifer passa as férias de primavera ajudando a administrar uma quadra de vôlei para estudantes da escola de ensino fundamental que atende as áreas mais pobres de Los Angeles.

“Consigo interagir, conversar com eles e — espero — inspirá-los de alguma forma”, disse Jennifer.

Embora agora seja uma estudante e atleta de sucesso, Jennifer também cresceu na área mais pobre de Los Angeles e entende os desafios de ter crescido em um bairro de poucos recursos. Sua genitora, mãe solteira de El Salvador, lutou para sustentar a família de duas pessoas.

“Não tive ninguém para tomar como modelo de figura paterna. Meu pai biológico aparecia uma vez ou outra quando eu era muito criança, mas não era como devia ser”, explicou.

Até que ela encontrou Gustavo Beltran.

FIGURA PATERNA

Gustavo trabalhava como assistente de jardim de infância na escola de Jennifer quando soube que ela era a única filha de uma mãe solteira. Para evitar que Jennifer se perdesse no sistema como tinha acontecido com muitas crianças do bairro, Beltran decidiu ser a figura paterna para Jennifer. Ele começou a cuidar dela depois da escola, ajudando-a com o dever de casa e com a prática de esportes depois das aulas.

Não levou muito tempo para Gustavo reconhecer as habilidades atléticas de Jennifer e sua inclinação para o vôlei. Ele e sua esposa, Virna, começaram a dedicar tempo e dinheiro para ajudar Jennifer a transformar seu talento para o vôlei em oportunidade.

Jennifer lembra que Gustavo e sua mulher “estavam presentes em todas as etapas do caminho — assegurando-se de corrigir qualquer



©AP Images

Competidora feroz: Jennifer Beltran comemora com suas companheiras de time da Universidade de Illinois após marcar um ponto durante o campeonato de voleibol feminino da NCAA de 2011

erro meu, fazendo de tudo para me encorajar, sempre me lembrando até onde o voleibol podia me levar e o que eu podia fazer com isso”.

Os Beltrans chegaram até a falir em seus esforços para sustentar a carreira promissora de Jennifer no vôlei. “Fizeram coisas para mim que às vezes nem pais normais fazem por seus filhos”, sublinhou Jennifer.

Nascida Jennifer Bonilla, ela adotou o sobrenome de seu mentor em agradecimento a tudo o que ele fez por ela. “Gustavo é como um pai para mim”, declarou ela à ESPN.

OFERECENDO OPORTUNIDADES

O apoio emocional e financeiro dos Beltrans foi recompensado. Atualmente Jennifer frequenta a Universidade de Illinois — uma das universidades mais competitivas em termos atléticos dos Estados Unidos — com bolsa de estudos para atletas. Por intermédio das oportunidades oferecidas tanto pelo voleibol quanto pelos Beltrans, Jennifer está recebendo gratuitamente uma educação de qualidade. Ela é o primeiro membro da família a entrar na faculdade.

“Muitas vezes, é difícil para crianças da minha comunidade conseguirem ajuda desse tipo, e eu entendo

totalmente por quê. Tive muita sorte de encontrar” — ela se calou — “de uma família me encontrar”.

Jennifer atribui a Gustavo a iniciativa de direcioná-la para o vôlei e atribui a esse esporte as oportunidades que ela nem sabia que existiam — em particular a educação universitária. Sua meta principal é obter o diploma de cinesiologia, o estudo do movimento humano. Depois disso, espera jogar no exterior com a seleção nacional de voleibol dos EUA.

Quando não está correndo atrás de seus objetivos, Jennifer viaja para casa para ajudar na quadra de vôlei.

“A razão porque eu sempre volto é que quero que essas crianças também tenham uma oportunidade”, enfatizou. “Quero servir de exemplo, dizer que também podem fazer o mesmo.”

Seu mentor, Gustavo, administra a quadra. ■

— *Mary-Katherine Ream*

Saiba mais sobre o voleibol no site:

USAVolleyball.org



Bola para frente

COMPAR-
TILHAR

Compartilhando o poder dos esportes

Importantes atletas americanos unem seus esforços aos do Departamento de Estado dos EUA para se conectar com aficionados de esportes em comunidades do mundo todo. Os atletas compartilham seu talento e amor aos esportes com realização de clínicas esportivas, visitas a escolas e debates sobre a importância da educação, do trabalho em equipe e do respeito à diversidade.



Fotos: Departamento de Estado dos EUA.

Formando um círculo: A diretora assistente de treinamento da Associação de Futebol Infantojuvenil da Carolina do Norte, Sari Rose (de branco), dirige moças em uma clínica de futebol no Bahrein. Durante sua visita em maio de 2011, Rose realizou várias clínicas em escolas de todo o país, reuniu-se com a Federação de Futebol do Bahrein e dirigiu sessões de treinamento para a Equipe Nacional Feminina do Bahrein e a equipe sub-16.



Passando a bola: A jogadora Swintayla "Swin" Cash, da Associação Nacional de Basquete Feminino (WNBA), passa a bola durante clínicas de basquete realizadas por ela recentemente em dois distritos perto de Londres que abrigarão competições olímpicas no terceiro trimestre deste ano. Cash viajou para a Inglaterra em março de 2012 como parte de um esforço conjunto do Departamento de Estado dos EUA e da NBA para enviar jogadores profissionais de basquete veteranos e atuais para engajar jovens em dez países, tanto nas quadras quanto em suas comunidades.



Atenção! Cal Ripken Jr., do Hall da Fama da Liga Principal de Beisebol, dá dicas de beisebol a jovens jogadores no Japão. Em novembro de 2011, Ripken passou uma semana agitada no Japão dirigindo clínicas em Tóquio, Tohoku e Kansai e visitando cidades afetadas pelo terremoto e tsunami no início do ano. Ripken trabalha como enviado de Diplomacia Pública do Departamento de Estado dos EUA desde 2007.



Venham jogar! A ex-jogadora da Equipe Nacional Feminina dos EUA Amanda Cromwell faz uma pausa durante clínica realizada em 2012 na Argentina para passar a bola a uma das irmãs mais jovens das participantes. De 15 a 21 de março, Amanda e sua colega jogadora Lauren Gregg realizaram clínicas e atividades de formação de equipe para garotas de comunidades carentes de Buenos Aires, Jujuy, Salta e Tilcara, como parte da iniciativa Maior Poder às Mulheres e Meninas do Departamento de Estado dos EUA.



Treinando treinadores: Lenda da Liga Principal de Beisebol, Ken Griffey Jr. (com a luva de receptor) e o ex-jogador do Montreal Expos Joe Logan (com a bola) dão algumas dicas a treinadores da Liga Infantil em clínica de beisebol em Manila. Griffey e Logan realizaram uma série de clínicas de beisebol nas Filipinas em março de 2011, ensinando treinadores a desenvolver trabalho de equipe e espírito esportivo entre os jogadores.



Criando vínculos por meio do basquete: Edna Campbell, ex-jogadora da Associação Nacional de Basquete Feminino (WNBA), visita crianças do orfanato Sainte-Claire em Brazzaville, no Congo. Edna e a ex-jogadora da NBA Bo Outlaw realizaram clínicas de basquete para mais de 250 jovens congoleses em agosto de 2011, ensinando-lhes técnicas de basquete e a importância de trabalho em equipe, confiança e entusiasmo.

Saiba mais sobre
os programas
esportivos do
Departamento de
Estado dos EUA!

<http://goo.gl/HQMU2>



Quiz sobre esportes

Qual é o esporte que cresce mais rápido nos Estados Unidos?



Trivialidades

Quais são os três esportes mais populares para as americanas?

TESTE SEUS CONHECIMENTOS

americanos

Você sabia?

Os torcedores dos esportes americanos são loucos por trivialidades. Teste seus conhecimentos com esses fatos fascinantes!

1. Qual a vida útil média de uma bola de beisebol usada nas Ligas Principais?

- a) 1 arremesso
- b) 5 a 7 arremessos
- c) 1 jogo
- d) 7 jogos

2. Qual é o esporte que cresce mais rápido nos Estados Unidos?

- a) futebol
- b) beisebol
- c) natação
- d) lacrosse

3. Que esporte atrai mais mulheres nos Estados Unidos?

- a) tênis
- b) voleibol
- c) futebol
- d) basquete

4. Quais são as chances de um jogador de futebol do ensino médio obter uma bolsa de estudos para atletas e frequentar uma faculdade americana

- a) 1 em 100
- b) 1 em 1 mil
- c) 1 em 10 mil
- d) 1 em 1 milhão

5. Que porcentagem aproximada de meninas americanas entre 5 e 18 anos participa de esportes organizados?

- a) 7%
- b) 17%
- c) 47%
- d) 70%

6. Que time americano de beisebol ganhou mais World Series?

- a) Boston Red Sox
- b) New York Yankees
- c) Oakland Athletics
- d) St. Louis Cardinals

7. Em que ano as mulheres participaram pela primeira vez dos Jogos Olímpicos da era moderna?

- a) 1900
- b) 1925
- c) 1950
- d) 1975

8. Verdadeiro ou Falso: muitos jovens americanos jogam futebol.

- a) Verdadeiro
- b) Falso

9. Quantos esportes serão disputados nas Olimpíadas de Verão de 2012 em Londres?

- a) 6
- b) 16
- c) 26
- d) 36

10. Que atleta ganhou o maior número de medalhas de ouro olímpicas?

- a) Larisa Latynina, União Soviética
- b) Paavo Nurmi, Finlândia
- c) Michael Phelps, Estados Unidos
- d) Mark Spitz, Estados Unidos



© AP Images

Respostas na página 20

Como se saiu?

Respostas do Quiz sobre trivialidades

- 1. B** A vida útil média de uma bola de beisebol usada nas Ligas Principais é de cinco a sete arremessos.
- 2. D** Na última década, o número de crianças americanas jogando lacrosse mais do que duplicou, tornando-o o esporte que cresce mais rápido no país.
- 3. B** O voleibol atrai mais mulheres (9,1 milhões) do que qualquer outro esporte nos EUA, seguido de futebol (6,8 milhões), basquete (6,5 milhões) e softball (4,7 milhões).
- 4. A** Desde 2011, a probabilidade de um jogador de futebol do ensino médio dos EUA receber uma bolsa de estudos integral para atletas em uma universidade bem classificada é de 1 em 90.
- 5. D** Sessenta e nove por cento das meninas e 75% dos meninos nos Estados Unidos participam de esportes organizados, segundo relatório de 2008 realizado pela Fundação do Desporto Feminino.
- 6. B** Com 27 campeonatos, o New York Yankees ganhou o World Series mais vezes do que qualquer outro time.
- 7. A** As mulheres foram convidadas a participar pela primeira vez da segunda Olimpíada da era moderna, em 1900.
- 8. A** O número de crianças inscritas para jogar futebol nos EUA praticamente quadruplicou nas últimas três décadas
- 9. C** As Olimpíadas de Londres terão 26 esportes
- 10. C** O nadador americano Michael Phelps ganhou 14 medalhas de ouro, mais do que qualquer outro atleta olímpico.

Acima: Estrela em ascensão: o lacrosse, originalmente jogado pelos índios americanos, é o esporte que cresce mais rápido nos Estados Unidos. Meio: Ganhando velocidade: o basquete é o terceiro esporte mais popular entre as atletas americanas, depois do vôlei e do futebol. Abaixo: Espírito olímpico: atletas da equipe dos EUA acenam para a multidão durante a cerimônia de abertura das Olimpíadas de Inverno de 2010 em Vancouver, no Canadá. Página anterior: a estrela do atletismo Mildred "Babe" Didrikson, de Dallas, Texas, no Estádio Olímpico de Los Angeles em 31 de julho de 1932



©Getty Images



©Getty Images



©AP Images

©Shutterstock.com

QUER SABER MAIS?

Explore as várias tradições esportivas dos Estados Unidos com este vídeo!



Confira a série em vídeo "Esportes nos Estados Unidos"! <http://goo.gl/0QmYb>



www.facebook.com/ejournalUSA

TEM algo a DIZER?



Participe da
conversa — Visite
nossa página
no Facebook!

